

# **TÓPOS ALEGÓRICO - LUGARES AMORFOS<sup>I</sup>**

ALLEGORICAL TOPOI - AMORPHOUS PLACES

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i1.53048>

**Jade Oliveira Chaia**

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>

<https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>

[jade\\_joc@hotmail.com](mailto:jade_joc@hotmail.com)

Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília com período sanduíche na École Normale Supérieure - PSL (Paris). Mestra em Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (2020/2022). Graduada no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021/2024). Graduada no curso de Bacharelado em Filosofia pela Universidade de Brasília (2016/2021 - período de interrupção 2019/2020). Bolsista Capes.

---

<sup>I</sup> Este artigo foi financiado pelo Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (DPG/UnB), conforme seleção realizada via edital DPG n. 0011/2023.

## RESUMO

A presente proposta examina a intersecção entre *lugar*, *não-lugar* e *alegoria* como categorias estruturantes na constituição simbólica e histórica dos espaços urbanos contemporâneos. A partir das reflexões benjaminianas, a *mercadoria* revela-se como a *alegoria* preeminente da modernidade, destituída de substância ontológica, mas dotada de uma plasticidade semântica capaz de reconfigurar as relações entre *espaço*, *tempo* e *sociedade*. A cidade, nesse contexto, emerge como um palco dialético, onde o *sagrado* e o *profano* se entrelaçam em uma dinâmica que dilui a memória histórica e revela as tensões entre *territorialização* e *abstração*. Concebida como um palimpsesto alegórico, a cidade abriga ruínas e fragmentos de histórias obliteradas, que resistem à homogeneização [im]posta pela lógica capitalista. Nessa perspectiva, permanecem as fissuras que permitem reinscrever o simbólico, configurando a cidade como espaço de disputa entre a força do esquecimento e a potência de uma reapropriação crítica da memória.

**Palavras-chave:** Alegoria. Lugar. Walter Benjamin.

## ABSTRACT

This proposal examines the intersection between *place*, *non-place*, and *allegory* as structuring categories in the symbolic and historical constitution of contemporary urban spaces. Drawing on Benjaminian reflections, the *commodity* emerges as the preeminent *allegory* of modernity, devoid of ontological substance yet endowed with a semantic plasticity capable of reconfiguring the relations between *space*, *time*, and *society*. In this context, the city emerges as a dialectical stage where the *sacred* and the *profane* intertwine in a dynamic that dissolves historical memory and reveals tensions between *territorialization* and *abstraction*. Conceived as an allegorical palimpsest, the city houses ruins and fragments of obliterated histories that resist the homogenization [im]posed by capitalist logic. From this perspective, fissures persist, allowing for the reinscription of the symbolic and positioning the city as a contested space between the forces of forgetting and the potential for a critical reappropriation of memory.

**Keywords:** Allegory. Place. Walter Benjamin.

\*\*\*\*\*

Há pouco mais de três anos enfrentávamos o início de um ciclo de significativas mudanças. Novas realidades espaciais transformaram a (con) vivência de cada um de nós. O território vivido já não é mais o mesmo, os modos de experienciar a realidade [ou mesmo a virtualidade] estão / são diferentes. A cidade passa a figurar como uma máquina dialógica, em que numa construção emblemática do representar permite a intersecção entre imagem e discurso, põe em movimento vivências, experiências e conceitos que nos parecem naturais, comuns.

Convenções sociais, discursivas e visuais, coexistem nesse local e ao mesmo tempo se enraízam no corpo coletivo como sintomas do assombro. Signos que perpassam o tecido social e sua relação com o espaço. Os lugares que antes eram espaços de representação, de identidade, de experiência, de interação, pela emergência do plural, passaram a ser inabitados. O não-lugar passa a tomar conta nesta nova realidade.

Na realidade concreta do mundo hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. [...] Lugares e não lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. [...] O vocabulário, aqui, é essencial, pois tece a trama dos hábitos, educa o olhar, informa a paisagem (Augé, 2020, p. 98-99).

Tempo e espaço já não possuem o mesmo significado, são meras abstrações. O experienciar da história vivida se reduz a uma zona neutra, a uma mera passagem (*cf.* Benjamin, *Passagens*, 2018). A cidade se torna, por assim dizer, um espaço de diferentes dimensões. E são nessas dimensões que os contornos do cotidiano e as experiências do mosaico do viver juntos se moldam a partir da estrutura do ambiente da própria cidade. A construção político-social-econômica dessa estrutura permitiu uma espacialidade volátil, espaços ocupados cuja interação limita-se simplesmente a transgressão do viver junto. Um viver junto que supostamente deveria (com)partilhar, mas que na verdade é atravessado pelas